

CAVE CANEM: O ENCONTRO DE HOMEM E ANIMAL EM JAULA, DE ASTRID CABRAL

Maíssa Pires Ramos (UNIR)¹
Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR)²

Resumo: *Objetiva-se investigar as relações entre as personagens animais e humanas nos poemas “Cave canem” e “Encontro no jardim”, reunidos na obra Jaula (2006), da poetisa e ficcionista Astrid Cabral. Enfocando a outridade animal e a linguagem poética que a acompanha, analisam-se os modos e formas como o eu lírico dos poemas desenha as interações entre o ser humano e não humano: são relações de afastamento e de fusão, revelam a irredutibilidade do animal, ao mesmo tempo em que, em determinados momentos, produzem a fusão animal-homem. Dialoga-se com o pensamento de Maciel (2011), Derrida (2002), Lestel (2011), Leão (2011), Fagundes (2006) e Santos (2009).*

Palavras-chave: Astrid Cabral; Jaula; poesia; outridade animal.

A percepção do filósofo Friedrich Nietzsche acerca da situação do homem diante do poder que estaria prestes a assumir motiva seu leitor, o filósofo Martin Heidegger, a escrever a obra *¿Qué significa pensar*. Nela Heidegger afirma: “Esel instante en que el hombre se dispone a asumirel dominio sobre latierraensutotalidad” (2005: 44). O homem em questão, aquele denominado por Nietzsche (2001) como além-do-homem, não teme a aparentemente extraordinária tarefa que coloca a si mesmo, sabe-se em um mundo em que não pode recorrer a Deus, e que agora se trata - de uma vez por todas - de ser fiel à Terra.

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Foi bolsista UNIR/CNPq pelo PIBIC. E-mail: maissaramoos@gmail.com.

² Professora adjunta da UNIR-Departamento de Línguas Vernáculas. Leciona no Curso de Graduação em Letras-Português e no Mestrado em Estudos Literários-MEL/UNIR. E-mail: heloisahelenah2@hotmail.com Professora adjunta da UNIR-Departamento de Línguas Vernáculas. Leciona no Curso de Graduação em Letras-Português e no Mestrado em Estudos Literários-MEL/UNIR. heloisahelenah2@hotmail.com.

A ampla percepção nietzschiana traduzida na notória expressão “fidelidade à terra” impõe, na atualidade, a necessidade de focalização da desconstrução dos humanismos renascentista e moderno, principalmente naquilo que diz respeito às relações do homem com os outros seres vivos, que com ele compartilham a Terra-terra³. Nietzsche, em fins do século XIX, já denunciava o desconhecimento do homem pelo homem, e sua inferioridade física em relação ao animal, afinal o homem não tem cornos, garras e presas afiadas. O que, curiosamente, o coloca em uma condição também inferior aos animais em termos morais: “[...] o homem possui, tão somente, a arte de fingir, sua única arma para a sobrevivência” (Nietzsche 1987: 29-30).

As considerações de ambos os filósofos sintetizam, como ponto de partida, questões que configuram o problema acerca dos modos pelos quais o homem constrói relações estéticas e políticas com a Terra-terra, com seus coabitantes e com sua própria animalidade. Tais relações recebem influxos de determinadas racionalidades (principalmente científicas) que impõem práticas de dominação, exploração e instrumentalização da Terra e, ao mesmo tempo, em outra perspectiva, tais relações são vivificadas pela estética e pelas artes.

Dessa forma, em termos gerais, o presente artigo propõe-se a realizar uma investigação em torno das relações entre as personagens animais e humanas, e as manifestações de certa “animalidade-humana”, presentes nos poemas *Cave canem* e *Encontro no jardim* de Astrid Cabral; no intento de analisar os modos e formas como o eu lírico astridiano⁴ desenha as interações entre as personagens humana e animal. Sendo assim, propõe-se uma reflexão acerca da outridade animal, da linguagem poética ricamente telúrica que a acompanha, e a observação de como as personagens não humanas dividem sua sabedoria com o eu lírico de modo a proporcionar outras perspectivas ao mundo humano do leitor.

Para o aprofundamento e desenvolvimento da problemática, lança-se mão de referencial teórico do campo dos Estudos Animais, no qual se inserem trabalhos de zoopoética e zooliteratura que tratam daquilo que concerne às relações entre a humanidade e a animalidade, de autores como Maria Esther Maciel (2011), Benedito Nunes (2011), Dominique Lestel (2011), Jacques Derrida (2002), Tom Tyler (2011) e Friedrich Nietzsche (1987, 2001); e dialoga-se com críticos e leitores da obra de Astrid que se esforçam para desvendar os códigos entrelaçados em suas poesias, como Allison Leão (2011), Igor Fagundes (2006) e Lucinéia Rodrigues dos Santos (2009).

A criadora e a crítica

Astrid Cabral Félix de Sousa é poeta, ficcionista, contista, professora e tradutora. Com produções literárias e acadêmicas significativas, ela participa de mais

³ As duas grafias da palavra correspondem a: ‘Terra’ tomada como planeta ou globo terrestre, e ‘terra’ que diz respeito diretamente ao solo ou chão.

⁴ A crítica costuma usar os termos “astridiana”, “astridiano” e quando se refere nominalmente à autora chama-a apenas Astrid, contrariamente à prática de mencionar o sobrenome do autor.

de quarenta antologias no Brasil e no exterior, escrevendo poemas, ensaios, resenhas e críticas literárias (Santos 2009). No artigo *Astrid Cabral: a professora fala da poeta* (2012), a própria autora fala de sua composição poética, oferecendo ao leitor explicitamente algo de seu processo de criação; intimista, afirma: “[...] parto rumo à aventura do desconhecido, em busca do que só existe misteriosamente dentro de mim, de modo vago e amorfo, porém, em luta para emergir” (Cabral 2012: 160-161). Já em *O voo pelo infinito, a busca do que não é óbvio*, entrevista concedida ao poeta e professor Vitor Nascimento Sá em 2010, Astrid revela o verdadeiro valor da poesia para sua formação artística e pessoal:

[...] a poesia é uma forma de paixão e é a paixão que valoriza a vida. Para mim a vida seria muito insípida se a poesia não me assaltasse de vez em quando. Ser poeta é uma maneira de ser. Não há como fugir. É ela que me mantém inteira e me ajuda a viver. É a bengala que me ajuda a caminhar pelos caminhos mais pedregosos. É o único cigarro que fumo (Cabral 2010: 2).

Para o pesquisador amazonense Alisson Leão (2011: 187) “[...] os textos de ficção de Astrid Cabral podem ser considerados, em mais de um sentido, como tentativa de desconstrução de certos edifícios discursivos, certas representações a respeito do mundo natural”. Dessa forma, eles devem ser localizados no contexto em que nasceram, pois também se constituem como “[...] releituras críticas da tradição de representação de natureza que havia se instituído no Amazonas” (Leão 2011: 187). Logo o que a criação poética e ficcional de Astrid possui de singular, para além do lirismo, feminilidade e teor telúrico característicos, revela-se na quebra de visões anteriores a respeito do mundo natural, presente na literatura desde os viajantes, em especial Alberto Rangel e Ferreira de Castro. Nesse sentido, Leão (2011: 184) falará de certo “aproveitamento crítico da ideia de natureza” na ficção de Astrid, uma ligação que remete a autora a uma “[...] tradição relativamente antiga na literatura, que vê no mundo natural um excelente contraponto ao modo de vida autômato das sociedades modernas”.

Quanto à poesia astridiana, o ensaísta Igor Fagundes, em *Do espanto às indagações: a zoopoética de Astrid Cabral* (2006), parece sintetizar fielmente todo o valor de espanto, sensibilidade, liberdade e encontro aos quais remete o lirismo de Astrid Cabral. Ele declara: “A poesia de Cabral é o real sem excesso, manifestado pelo amor natural, Eros ecológico que modela o mundo, desmancha os limites das coisas e toda a cadeia de entes; dos infra celulares, passando pelos vegetais, minerais, até chegar aos animais” (Fagundes 2006:15).

E se em *Alameda* (1998), a narradora adentra no interior de cada uma de suas protagonistas vegetais imaginando-lhes suas vidas secretas no desenrolar de cada conto, como se possuidoras do domínio da linguagem humana; em *Jaula* (2006) o eu lírico mergulha no humano em busca de sua outridade animal, e traz à tona a realidade da irredutibilidade animal, ao mesmo tempo em que consegue, em determinados momentos, resgatar a fusão animal-homem, condenada, reprimida e demonizada ao longo da história ocidental. Tal fenômeno ocorre com tamanha

complexidade e delicadeza a ponto de levar ao questionamento: de fato, não são/somos, animal e homem, um só vivente?

Em um dado momento da entrevista concedida a Sá, ao comparar as representações vegetais e animais reunidas, respectivamente, nas obras *Alameda* e *Jaula*, a poetisa explica:

Somos bichos da terra [...]. Assim, somos antes de tudo carne e osso, o chão sendo nosso lugar primeiro. Tudo que chega ao nosso pensamento já passou pelos cinco sentidos e esse nosso lado animal tem que ser respeitado e louvado. No livro *Jaula*, sublinho o parentesco profundo que mantemos com todos os seres animais. No livro *Alameda*, estou ligada aos seres vegetais. Também me irmano aos entes minerais. A Água encharca meus poemas, e canto as pedras em alguns deles (Cabral 2010).

Na mesma entrevista, Astrid comenta, ainda, sobre a constante manifestação telúrica no seu fazer poético, ricamente presente no bestiário de *Jaula*: “Sou de fato uma telúrica. Abeberei-me na cultura, estudei cinco línguas, li centenas de livros, viajei pelo mundo, mas estou sempre de raízes fincadas na Amazônia da minha infância e adolescência” (Cabral 2010). E de fato, a sua própria escrita denunciará que não se trata de uma relação superficial com a terra, mas de um relacionamento radical com sua *mátria*: “Manaus é para mim onipresença, invisível, porém poderosa. Atravessa-me sonhos e insônias. Algo de visceral que me acompanha por toda parte onde itenero” (Cabral 2012:164). A esta fala acrescenta-se a reflexão da professora Eliana Lourenço de Lima Reis (2011: 14): “[...] a natureza é, ao mesmo tempo, algo concreto, externo a nós, bem como uma construção discursiva e a representação de nossa alteridade mais radical”.

A poética da animalidade

A reflexão do filósofo e etólogo francês, Dominique Lestel, conhecido por seus trabalhos realizados no campo dos Estudos Animais, no ensaio *A animalidade, o humano e as comunidades híbridas* (2011), parece contribuir de forma significativa para o desdobramento da problemática:

O animal não habita apenas as casas, os quintais ou os campos do homem; ele povoa seu espírito e sua imaginação, seus medos e suas crenças. Desenvolve, além disso, seus ninhos ecológicos na linguagem do humano. Que seria o homem sem os outros homens? Que seria ele sem o animal? Como explicar as estranhas relações que os ligam um ao outro? (Lestel 2011: 40).

Foram inquietantes questionamentos como esses que levaram vários poetas, em diferentes momentos históricos, a apreender através da palavra articulada o “eu” dos animais não humanos, usando das inúmeras formas de acesso criadas pela

poesia para entrar em suas peles e imaginar-lhes o que diriam se tivessem o domínio da linguagem humana, conjecturando assim, seus saberes acerca do mundo e da humanidade (Maciel 2011: 95). Pois, segundo Georges Bataille, se a poesia nos leva ao não sabido, ela poderia levar-nos também, pela via da mentira (ou falácia) poética, ao mundo incógnito da animalidade (1993 apud Maciel 2011: 87).

Dessa forma, fora através do “fingimento poético”, feliz expressão batizada por Fernando Pessoa, que escritores tem proporcionado um lugar especial de encontro entre a outridade animal e a animalidade que nos constitui, recuperando assim, o elo intrínseco entre o ser humano e o não humano, entre humanidade e animalidade; antes separados em definitivo no século XVIII pelo triunfo do pensamento cartesiano (Maciel 2011: 86). E é desse mesmo recurso que a poetisa Astrid Cabral tem lançado mão para dialogar com o lado que foi ocultado/reprimido/disfarçado do personagem humano

Mergulhando no universo ancestral e recalcado da formação humana, a literatura de Astrid proporciona que o eu possa emergir animal, e com ele, trazer à tona os esquecidos laços que mantêm homem e animal ligados. Seus escritos evidenciam “[...] como o homem pode, ao mesmo tempo, se parecer e se diferenciar dos animais” (Santos 2009: 16).

O besteiário *Jaula* (2009) é constituído por trinta e nove poemas e um conto, escritos de modo esparsos ao longo do tempo e que, somente mais tarde, reuniram-se em uma antologia. O que os liga? Todos fazem alusão aos animais, ou melhor: às relações que o ser humano mantém com os animais e/ou sua animalidade.

E apesar do termo “jaula” logo remeter à ideia de cárcere, a palavra poética de Astrid Cabral inaugura este espaço onde não há grades nem cadeados: “[...] livres pelas páginas, todos os bichos. Libertas nos versos, todas as feras” (Fagundes 2006: 11), eis o sentimento manifesto em cada poema do besteiário de Cabral. Por outro lado, quem, não poucas vezes, encontra-se enjaulado é o próprio personagem humano que, portador ciente de uma animalidade não adormecida, aparece lutando para reprimi-la, sempre à espreita, amedrontado pela ideia de subitamente ser devorado por seus instintos animais.

Para Fagundes essa animalidade presente no corpo da zoopoética de Astrid não constitui uma zoopoética apenas na medida em que o prefixo *zoo* remete frequentemente ao reino animal, uma vez que o termo grego *ζωή*, *zoé*, diz respeito primeiramente à vida na condição de vivificação que atravessa todos os viventes (Fagundes 2006: 19). Dessa forma, desenjaulando através do espanto e sensibilidade sua palavra-poesia, na busca de reestabelecer os laços rompidos entre a humanidade e animalidade, assim como o resgate de sua própria animalidade, Astrid Cabral em *Jaula* “[...] constrói sua fauna verbal para além das figuras de linguagem” (Fagundes 2006: 14) e convida os leitores a olhar através da perspectiva animal, oportunizando-nos um inesquecível encontro.

Cuidado com o cão

Segundo Benedito Nunes, devido à nossa herança cristã, passamos a ver o animal como símbolo irascível dos sentimentos e da bruteza dos instintos; “O animal

habitava o homem e dentro dele rugia, porém como algo que lhe era estranho” (Nunes 2011: 13). Logo, ao longo das gerações a imagem do animal fora sendo construída através de uma perspectiva que o demonizava, tornando-o vil, perigoso e bestial; sempre o oposto do homem, mas, no entanto a representação do próprio homem (Nunes 2011:13). De forma que se tornou a simbolização dos sentimentos mais baixos, instintivos, rústicos ou rudes (Nunes 2011) manifestados pela raça humana, e aparentemente resquícios de sua vida primitiva.

E seria por acaso que o título do terceiro poema de Astrid encontrado no bestiário *Jaula, Cave canem*, termo em latim, significaria “cuidado com o cão”? Essa informação não é explícita, o título pede ao leitor mais atento um certo esforço na decodificação: *cave canem* = cuidado com o cão. Cuidado com qual cão? Que figura é essa? Literalmente o animal, mamífero canídeo da subespécie do lobo? Ou um termo característico para conceituar a animalidade reprimida humana?

Dentro de mim há cachorros
 que uivam em horas de raiva
 (Cabral 2006: 25).

Quando em *Cave Canem* o eu lírico declara veementemente: “dentro de mim há cachorros”, não resta dúvida alguma quanto à veracidade dos fatos, a afirmativa não abre espaços para o questionamento ou hesitação, e agora se percebe que as significações do título e das primeiras declarações dadas nos versos iniciais nos levam para a ideia da animalidade reprimida. Deveras, a intenção do eu lírico é a de tornar manifesta a existência do animal dentro do humano, não radicalmente a personificação ideal do cão/lobo, e sim a existência não adormecida de um inegável laço que liga o humano e o animal. Ressaltamos o uso do coletivo, apesar do título do poema traduzir-se em “cuidado com o *cão*”, é o coletivo que é apresentado: “há cachorros”; “eles são muitos”; construção que indiretamente reforça o alerta: “Cuidado!”.

que uivam em horas de raiva
 contra as jaulas da cortesia
 e as coleiras do bom senso
 (Cabral 2006: 25).

Nestes três versos abre-se um espaço para a crítica contra certa civilidade humana, característica por reprimir os sentimentos humanos mais impetuosos, mas desenjaulados nos animais, e manter o “bom senso”, o controle. Os cachorros uivam, manifestam-se motivados pelo sentimento de raiva “contra as jaulas da cortesia”, onde cortesia assume uma significação completamente diferente da usual, num sentido de ser um comportamento que obriga o eu lírico a praticar a cordialidade/gentileza e ser amável, o que aparentemente não parece ser sua vontade. E as contra as “coleiras do bom senso”, sendo o bom senso um mecanismo que lançamos mão para avaliar determinadas situações ou tomar certas medidas/posicionamentos/decisões baseadas na racionalidade e no senso lógico,

aqui ele surge caracterizado como algo que restringe o eu lírico e o impede de fazer o que ele realmente deseja.

Nos versos seguintes, acende-se no eu lírico uma certa rebelião contra todo esse sistema de repressão/moralidade:

Solto-os em nome da justiça
 tomada de coragem homicida
 (Cabral 2006: 25).

Soltar quem? Os cachorros, os cães, que nesse sentido evocam o animal outro, presente no ser humano. Mas em seguida vem o arrependimento, haja vista as possíveis consequências de tal coragem homicida:

Mas sabendo que a raiva mata
 à míngua de tomar meus cães
 vacinei-os. Ladrem mas não mordam
 e caso mordam, não matem
 (Cabral 2006: 25).

Nessa construção podemos observar que quem se encontra enjaulado é o próprio personagem humano que, portador ciente de uma animalidade (sempre à espreita) não adormecida e desprovida de racionalidade/moralidade, sempre aparece lutando para reprimi-la/escondê-la, amedrontado pela ideia de subitamente ser devorado por seus instintos. E o poema segue: “Mas sabendo que a raiva mata”, o eu lírico parece brincar com a semântica dessa construção, a raiva mata? Sim, tanto a raiva como perigosa doença viral que ataca os mamíferos, quanto o sentimento humano de raiva, que envenena a alma, cega os sentidos e destrói a racionalidade. Ambas requerem controle. Mas aqui concebemos o segundo sentido como o apontado no poema. Dessa forma o eu lírico apresenta um mecanismo de defesa contra si mesmo, diz ter vacinado seus cães, isto é, anestesiou seus sentidos, apagou sua animalidade.

Búfalo e cobra se encontram no jardim

Nas palavras de Fagundes (2006: 18): “Quando Astrid Cabral pensa sua ecosfera poética, sabe que, a cada pensamento, sua voz – a voz animal – está sempre fugindo no caminho humano da palavra”, isso porque a voz animal não é a voz humana. Eis o abismo que separa humanidade e animalidade tal qual trataram Heidegger e Bataille: a linguagem. Segundo Tom Tyler (2011), para Heidegger o abismo abria-se entre o humano e o animal, enquanto que, para Bataille, o abismo encontrava-se no próprio animal, revelando-se o produto de sua irredutibilidade. “O animal, argumenta Bataille, abre-se a uma profundidade insondável” (Tyler 2011: 59). A reflexão de Lestel (2011: 41) complementa: “[...] o animal é antes de tudo uma presença e nisso se concentra sua especificidade. Ele encarna para o homem uma alteridade particular, portadora de sentido”.

Há um questionamento esclarecedor em *O Animal que logo sou* (2002) de Derrida, que dialoga intensamente com esta problemática da irredutibilidade do animal, e que ao mesmo tempo nos inquieta. Derrida (2002: 15) se pergunta: “[...] Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha?”. A resposta se torna visível: “Que animal nos olha? O outro” (Derrida 2002: 15). Não apenas a outra pessoa, ou o outro ser humano, mas o outro ser vivo coabitante e participante da experiência de sobrevivência na Terra. Derrida (2002: 15) continua sua reflexão/questionamento: “[...] e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo. Por que essa dificuldade?”. Por que esse mal estar? Porque o filósofo percebe através do olhar do animal que ele mesmo é um animal nu diante de outro animal. Regularmente, apesar de ser um animal, o humano não se vê/reconhece como um animal, e essa ideia causa-lhe um profundo incômodo. Ele sente vergonha de sua nudez, mas o gato não. A palavra “animal” vem do latim *animalis*, que significa “ser vivo” ou “ser que respira”⁵. Homem, gato, gato-homem, ambos nus, ambos animais. Nesse sentido, Lestel (2011: 24) afirma que “[...] a identidade do homem e a do animal se iluminam a partir de sua mútua confrontação”.

Nesse sentido, através do olhar, o enigmático olhar desse radicalmente outro: “[...] o animal vê os homens com aquele olhar não humano” (Nunes 2011: 14-15) abre-se espaço para a confrontação e o encontro. A questão do olhar não humano faz lembrar um conto de Clarice Lispector denominado “Búfalo”, de *Laços de família* (1960). Na narrativa, o olhar animal do búfalo a encarar a personagem é um olhar que tem conexão com os sentimentos mais violentos do homem (Nunes 2011):

Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou. Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. *Olhou seus olhos. E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos.* E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo (Lispector 1998: 49, itálico nosso).

Em outra obra da mesma autora, o romance *A paixão segundo G.H* (1979), podemos identificar outro encontro com a animalidade, agora oportunizado por uma barata: “Era isso – era isso então. É que eu olhava a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas” (Lispector 1979: 53). Enquanto as personagens de Lispector absorvem de seus confrontos os recorrentes sentimentos de estranhamento e asco, diante de um ser que, assim como o gato de Derrida, provoca o ser humano, trazendo um estranho e fraco sentimento de ligação e assustador desnudamento, elas não conseguem adentrar nas especificidades do animal não humano. Diante do Búfalo, há apenas o comum sentimento de raiva, uma raiva violenta oriunda de um amor não correspondido e uma raiva outra, de um ser que se encontra enjaulado,

⁵ Dicionário Etimológico.

cujo único objetivo de vida é entretenimento alheio. E ambos conversam ante o comum sentimento. Já no caso do encontro com a barata na passagem de *A paixão segundo G.H.*, a confrontação não aponta a alteridade da barata, mas apenas um sentimento de identificação da personagem com sua animalidade presente na barata.

Quanto ao caso do poema astridiano “Encontro no Jardim”, existe um novo e diferente confronto, agora entre uma humana e uma exótica serpente. Nos primeiros versos a serpente, símbolo de astúcia e sedução, é apresentada. Astrid cria um poema que simula o movimento da serpente, que parece deslizar sobre o papel:

Ondulando
o corpo
réptil
sempre
à frente
rente
ao solo
graças
à oculta
mola
a cobra
ágil
desenhava
seu caminho
no verde
(Cabral 2006: 52).

Em seguida sobrevém o encontro, mulher e serpente se encaram, no primeiro momento surge medo e asco ante o confronto inesperado e a diferença. A serpente confronta-a com a cabeça erguida, sem oscilar, firme; enquanto a mulher sobressalta-se. Mas logo em seguida os sentimentos mudam, e surge o estranhamento:

Olheia-a frente a frente:
sua cabeça
erguida em talo
eu entalada
o colo em sobressalto.
Sensação de asco
me percorrendo
inteira
tamanha a estranheza
de cores e contornos
postos em confronto
(Cabral 2006: 52).

Para Maciel (2011: 85), toda “[...] essa estranheza, por outro lado, provoca o lado animal que trazemos dentro de nós, lá onde não conseguimos definir com

precisão". E passado o mal estar primeiro, finalmente o eu lírico compreende a ligação com o estranho réptil, e redescobre suas semelhanças:

Súbito
 a revelação
 em luz se acende:
 um segredo a nos unir
 dá cabo do medo.
 A comum sedução pelo verde
 a terra de arcaicos mistérios
 colando-se em nossa epiderme
 nos enredando em suas redes.

Diferentemente do encontro das personagens de Lispector com a animalidade, o confronto de Astrid ante a outridade animal desemboca em uma súbita revelação: "[...] um segredo a nos unir | dá cabo ao medo", o eu lírico não apenas reconhece a alteridade da serpente que a encara, mas compreende os laços que as ligam, ambas partícipes da mesma experiência da vida sobre a Terra, ambas dependentes/sobreviventes da Terra, ambas formadas da mesma matéria e presas ao mesmo destino. E a poesia continua, com o eu lírico confessando que o mecanismo de ataque presente na serpente, especificação de sua alteridade, está também presente nele mesmo, como representação de sua animalidade; assim como também ambos possuem a incapacidade de movimentar-se fora do solo, e são sujeito são tempo:

Eu também ser de veneno
 Eu também ser inepto ao vôo.
 Ambas inquilinas do mesmo solo
 Ambas coincidentes no tempo.

Ao término da poesia, para além de compreender a alteridade do outro ser e reconhecer a profunda ligação que compartilham, o eu lírico, mesmo diante de especificidades do outro, coloca-se no mesmo nível dele, sem mostrar-se melhor ou pior que a serpente, mas igual. Irmandade de coparticipantes da mesma experiência sobre a Terra.

Então eu toco sem nojo
 o corpo da exótica irmã
 (Cabral 2006: 53).

Eis, então o "desenjaular-se" proposto por Astrid Cabral em todo seu corpo poético, o encontro com a animalidade oportunizado pelo fingimento poético; o libertar-se para o encontro com sua outridade, tanto fora, mas principalmente dentro do humano. Lispector (1998: 49) já havia declarado: "Não humanizo bicho porque é ofensa - há de respeitar-lhe a natureza - eu é que me animalizo. Não é difícil e vem simplesmente. É só não lutar contra e é só entregar-se".

A nova acepção do “nós”

Escritos de modo esparsos ao longo do tempo, sendo somente mais tarde reunidos em uma antologia, todos os trinta e nove poemas e um conto que constituem o besteiário *Jaula* (2009) fazem alusão aos animais, ou melhor: às relações que o ser humano mantém com os animais e/ou sua animalidade. E apesar do termo “jaula” logo remeter à ideia de cárcere, a palavra poética de Astrid Cabral inaugura este espaço onde não há grades nem cadeados: “[...] livres pelas páginas, todos os bichos. Libertas nos versos, todas as feras” (Fagundes 2006: 11). E mais, ao assumir o papel de proporcionar, através do olhar animal, o encontro do animal humano com o outro animal, Astrid traz à tona o eu lírico que surge como ser híbrido, metade conhecido, metade irreduzível; parte humano, parte *outro* e imperscrutável. Ressaltamos que seus poemas nos levam a questionar, por meio da zoopoética e diante da *outridade*: como as personagens não humanas diferem das humanas? Criaremos mecanismos para melhorar esse relacionamento de forma igualitária para ambos os lados? Ou as afirmativas impostas, por tantos séculos, pela pseudo superioridade humana, que enfatizam a oposição entre animal “irracional” e animal humano ainda se sustentam? Acreditamos que é tempo de não apenas repensar as relações políticas e estéticas que mantemos com a Terra-terra e todos os seres vivos; mas também estabelecer novos diálogos e tentar compreender as especificidades do outro. Pois ao contrário do que imaginávamos, esse ser animal não coexiste apenas ao nosso lado, mas também se acende dentro de nós. Nesse sentido, os poemas *Cave canem* e “Encontro no jardim” revelam-se oportunidades singulares para a experiência da fusão e do reconhecimento e a inauguração de um novo “nós”. Seja no reconhecimento dos sentimentos mais violentos que deveras precisam ser compreendidos e controlados, seja na constatação da existência do outro/não-eu.

Dessa forma, desenjaulando através do espanto e sensibilidade sua palavra-poesia, na busca de reestabelecer os laços rompidos entre a humanidade e animalidade, assim como o resgate de sua própria animalidade, Astrid Cabral em *Jaula* “[...] constrói sua fauna verbal para além das figuras de linguagem” (Fagundes 2006: 14), e convida os leitores a olhar através da perspectiva animal, oportunizando-nos um inesquecível encontro e um chamamento para urgentes mudanças.

CAVE CANEM: MAN AND ANIMAL'S CROSSROAD IN JAULA, BY ASTRID CABRAL

Abstract: Our purpose is to investigate the relations between animal and human characters in the poems "Cave Canem" and "Encounter in the Garden", compiled in *Jaula* (2006), written by the poet and fiction writer Astrid Cabral. By focusing animal's otherness and poetic language that follows it, the ways the poems poetic persona outlines the interactions between humans and unhuman beings are analyzed. These relations are made up of getting apart and getting together the elements and they reveal the animal's irreducibility, whereas they produce animal-

human fusion. The text will have as a base the thought of Maciel (2011), Derrida (2002), Lestel (2011), Leão (2011), Fagundes (2006) and Santos (2009).

Keywords: Astrid Cabral; *Jaula*; poetry; animal otherness.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *Teoria da religião*. Trad. Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1993.

CABRAL, Astrid. O vôo pelo infinito, a busca do que não é obvio. 2010. Entrevista concedida a Vitor Nascimento Sá. Disponível em: <<http://grupoconcriz.blogspot.com.br/2010/09/vitor-nascimento-sa-entrevista-astrid.html>> Acesso em: 16 nov. 2015.

_____. Cabral: a professora fala da poeta. In: LEÃO, Allison. *Amazônia: Literatura e cultura*. Manaus: UEA Edições, 2012.

_____. Percurso de uma paixão. In: _____. *Antologia pessoal: Astrid Cabral*. Brasília: Thesaurus, 2008.

_____. *Jaula*. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Significado de animal. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/animal>>. Acessado em: 20 dez. 2015.

FAGUNDES, Igor. Do espanto às indagações: a zoopoética de Astrid Cabral. In: CABRAL, Astrid. *Jaula*. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *¿Qué significa pensar?* Madrid: Trotta, 2005.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. São Paulo, Nova Alexandria, 2001.

LEÃO, Allison. *Amazonas: natureza e ficção*. São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.

LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as comunidades híbridas. In: MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. (Org.) *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

MACIEL, Maria Esther. O animal escrito - Um olhar sobre a zooliteratura contemporânea. São Paulo: Lumme Editor, 2008. Resenha de: JUNQUEIRA, Maria aparecida. *Revista FronteiraZ*, n. 11, 2013.

_____. Poéticas do animal. In: _____. (Org.) *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: _____. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. (Org.) *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. A floresta e o jardim: visões da natureza amazônica. In: LEÃO, Allison. *Amazonas: natureza e ficção*. São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.

SANTOS, Lucinéia Rodrigues dos. *Astrid Cabral: poesia e cartografias da memória*. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

TYLER, Tom. Como água na água. In: MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. (Org.) *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

ARTIGO RECEBIDO EM 28/02/2016 E APROVADO EM 22/06/2016